Do pasto ao lucro: como a nutrição na recria define o sucesso do sistema de produção

Laura Ferrarez Ricardo, Carolina Resende Alves, José Augusto Moura Godinho, Johnnatan Castro Cabral Gonçalves, Leonardo de Almeida Queiroz, Sidnei Antônio Lopes.

A pecuária de corte no Brasil é baseada, majoritariamente, em sistemas de produção a pasto, nos quais os animais passam a maior parte da vida em pastagens tropicais. Apesar do baixo custo, esse modelo pode resultar em ciclos produtivos mais longos. Isso ocorre porque a forragem, principal fonte de nutrientes, apresenta grande variação em qualidade e disponibilidade ao longo do ano, principalmente em função das condições climáticas (Detmann et al., 2014). Em determinados períodos, essa oscilação compromete o atendimento das exigências nutricionais dos animais, limitando ou até mesmo interrompendo o desempenho produtivo.

Na estação seca, o problema se intensifica. As forragens tropicais passam a apresentar maior teor de fibra indigestível e baixos níveis de proteína bruta (PB), frequentemente abaixo de 8% da matéria seca, valor considerado limitante para a adequada atividade dos microrganismos do rúmen. Segundo Detmann et al. (2014), níveis mínimos de 8%-10% de PB são necessários para otimizar a digestão da fibra. Souza et al., 2022 observaram incrementos no desempenho até níveis próximos de 15% de PB, fato que não é comum de ser observado nas pastagens brasileiras, exceto em raras situações específicas de manejo intensivo. Por isso, a suplementação estratégica deixa de ser uma opção e passa a ser uma ferramenta essencial para manter o desempenho animal a pasto.

Outro ponto importante: embora a arroba produzida a pasto seja, em geral, mais barata, o resultado econômico depende da quantidade de arrobas produzidas por hectare. Ou seja, não basta produzir barato, é preciso produzir volume. Sem desempenho adequado e planejamento forrageiro, a eficiência do sistema cai, e o que parecia econômico pode, na prática, se transformar em um custo elevado por arroba produzida.

Dentro desse cenário, a antecipação da idade de abate se torna uma meta estratégica. Quanto mais tempo o animal permanece no sistema, maior é o capital imobilizado e menor o giro do investimento.

Mas por que dar tanta atenção à recria? Considerando que a fase de cria dura cerca de 7 a 8 meses e a terminação entre 90 e 120 dias, a recria se consolida como o principal período para intervenções capazes de encurtar o ciclo produtivo. Além disso, é justamente nessa fase que o animal apresenta maior eficiência biológica. Animais jovens convertem melhor a energia em crescimento de tecido magro (principalmente músculo), têm menor exigência de mantença e apresentam maior taxa de crescimento relativo. Em outras palavras: é onde o investimento em nutrição costuma dar mais retorno.

E tem um detalhe que muita gente ignora: o ágio do bezerro. Na prática, o bezerro costuma ser comprado com cerca de 20% de ágio em relação ao boi gordo. Por exemplo: R$430/@ frente a R$350/@, uma diferença de R$80 por arroba. Para um animal de 7@, isso

representa R$560 que precisam ser pagos no ganho de peso. Considerando o preço do boi gordo, isso equivale a cerca de 24 kg de carcaça, ou aproximadamente 48 kg de ganho em peso vivo (assumindo rendimento de 50%).

Agora vem o ponto crítico: com um ganho médio diário de 0,3 kg/dia, o animal leva cerca de 160 dias só para pagar esse ágio. Já com 0,7 kg/dia, esse tempo cai para aproximadamente 69 dias. Ou seja, quanto menor o desempenho, mais tempo o produtor passa apenas "pagando o bezerro caro", sem gerar lucro.

Além disso, em um ciclo de 24 meses, a recria pode representar mais de 50% da vida do animal. Mesmo sendo vista como uma fase de baixo custo, a variação no ganho de peso pode elevar significativamente o custo final da arroba produzida. É por isso que, cada vez mais, produtores têm adotado estratégias de "resgate" no pós-desmame, buscando manter o desempenho dos animais, especialmente quando o pasto não entrega o necessário, situação comum quando o diferimento não é suficiente.

No fim das contas, a lógica é simples: desempenho é o que paga a conta. E, na recria, investir em manejo de pastagem e suplementação estratégica não é custo, é o que define se a operação será ou não lucrativa.

Referências:

DETMANN, E., PAULINO, M. F., VALADARES FILHO, S. C & HUHTANEN, P. (2014). Nutritional aspects applied to grazing cattle in the tropics: a review based on Brazilian results. *Semina: Ciências Agrárias*, *35*(4), 2829-2854. DOI: 10.5433/1679-0359.2014v35n4Suplp2829

SOUSA, L. C. O., PALMA, M. N., FRANCO, M. O., & DETMANN, E. (2022). Does frequency of protein supplementation affect performance of cattle under grazing in tropical pastures?. *Animal Feed Science and Technology*, *289*, 115316.